

**O MESSIANISMO EM *MENSAGEM* DE FERNANDO PESSOA
E
ANTÔNIO CONSELHEIRO DE JOAQUIM CARDOZO**

Por **BÁRBARA ANDALÚZIA**

Literatura é uma arte de fazer explícito em palavras aquilo que muitas vezes é apenas intuído, aquilo que não se sabia até o momento da escrita, aquilo que se leu, mas não se havia incorporado: escrever é a arte de com que o autor se mostre, mostrando o que vê e, principalmente, como o vê. E é esse mostrar, criar um mundo, desvelá-lo para o leitor, fazer presente sua perspectiva, organizar um modo de relacionar-se e estar no mundo que aparece na escrita, na sua forma e no que ela transmite de conteúdo (Reñones)

AGRADECIMENTOS

Dentre inúmeras pessoa que participaram com afincio, junto a mim, à confecção desta monografia, devo destacar a incansável e incomensurável contribuição do meu grande amor **Leandro Maggi**, que quase se tornou co-autor desta.

Agradeço também a minha mãe, **Edna**, e ao meu pai, **Ivan**, que participaram comigo da elaboração desta pesquisa, compartilhando todas as dificuldades.

Ao meu esplendoroso e inigualável amigo **Moisés Neto**, participante mor da vida intelectual, dono de uma mente poderosa e que nunca deixou de contribuir com seus conhecimentos em todos os momentos os quais solicitei. Ele é o meu “guru”, faz parte da minha vida acadêmica há quase dez anos e nunca sairá dela.

Rosalina Albuquerque, **D. Rosa**, que merece todo o meu agradecimento por sempre estar intimamente interessada na finalização deste trabalho acadêmico.

As minhas amigas, **Grace, Denise, Beth, Nely, Alzenir, Fabiana, Fernanda, Sheyla, Sônia, Gláucia, Carmem, Marinalva, Edilene, Rita**, que convivem todos os dias comigo no meu local de trabalho, e estimularam-me a não desistir.

Aos meus professores de Literatura que contribuíram para a minha formação: **Moisés Neto, Daniel Souza, Fátima Amaral, Liliane Jamir, Norma Godoy, Alexandre Furtado, Inês Fornari, Cristina Botelho** – sementeira da literatura Portuguesa na minha alma, **Bruno Siqueira, Lourival Holanda, Fábio Andrade, Antony Bezerra, Piedade de Sá e Luzilá Gonçalves Ferreira**.

Aos meus professores de teatro, Fred Castro e **Moisés Neto**, que me fizeram amar o texto dramático, somando a todos aqueles que muitas vezes compartilharam o palco.

Agradeço também aos **meus alunos** da Escola Municipal da Iputinga e da Escola Municipal Diná de Oliveira, que, sem perceberem, contribuíram enormemente para meus pensamentos literários a cada momento que lhes falava de arte.

A João Denys Araújo Leite, que, ao discordar da minha opinião sobre o messianismo em *Antônio Conselheiro*, me instigou a pesquisar e comprovar minha hipótese, contribuindo de maneira significativa para minha monografia.

A **Katarynne Mazullo e Renata Alves** que se reuniam comigo e me levavam para desopilar quando eu estava com a mente cansada.

Ao meu orientador e desorientador Bruno Siqueira, que me ajudou a encontrar a temática para esta pesquisa, virou e revirou meu texto a fim de encontrarmos a melhor forma de expressar a História na literatura de Fernando Pessoa e Joaquim Cardozo.

RESUMO: Unindo a crença dos portugueses na volta de D. Sebastião para recuperar o poderio econômico lusitano prometido por ele e a dos sertanejos brasileiros no poder de Antônio Conselheiro em salvá-los do sofrimento causado, inclusive, pela mudança do regime político, gerou-se a idéia messiânica naquelas gentes.

Fernando Pessoa e Joaquim Cardozo, ao escreverem *Mensagem* e *Antônio Conselheiro*, referiram-se a esses mitos e refletiram a visão mítica centrada nesses líderes político-religiosos e o valor dele para seus seguidores.

Cardozo e Pessoa baseiam-se em fatos reais para criar um texto literário e o fazem com muita categoria, de forma extremamente artística, realizando um paralelo entre arte e realidade. Os textos aqui estudados estão sendo enquadrados na perspectiva do estudo literário referindo-se ao aspecto social e observando que a arte é resultado e retrato da sociedade. O estudo é elaborado a partir de uma análise comparativa entre as obras.

Nesta pesquisa abordamos como estes autores tratam a temática mítica em suas obras e a relação entre arte e realidade observando como o fato histórico (desaparecimento do D. Sebastião e a formação da comunidade de Canudos até seu extermínio) é retratado na obra. Para estudarmos com mais precisão os fatos, deteremo-nos à terceira parte de *Mensagem* e ao primeiro ato de *Antonio Conselheiro* os quais remetem-se com mais intensidade aos fatos estudados.

Deste modo, averigüamos o grau de historicidade e de arte literária no texto poético e no texto dramático.

INTRODUÇÃO

Escolher o tema, procurar obras que desenvolvam a temática a ser analisada, ler e pesquisar: crítica literária é um trabalho árduo. Porém mais desafiador foi quando decidi estudar Fernando Pessoa... e agora a quem compará-lo? Não demorou muito e descobri Joaquim Cardozo.

Muitas vezes o texto foi perdido, páginas e páginas escritas, reescritas e jogadas fora. Começa-se tudo novamente e mais uma vez recomeça-se.

O orientador lê, orienta, indica textos, obras, autores e desorienta. Algumas vezes a caneta trava, o cérebro estanca; outras parecem psicografia: o texto flui e a caneta desliza.

Estudar a arte á assim: difícil, complicado, profundo e... prazeroso. Além do mais, em se tratando de obras e autores tão grandiosos, é difícil enquadrá-los numa folha de papel de uma monografia.

Nesta pesquisa elaboramos uma série de comentários e observações de como Joaquim Cardozo e Fernando Pessoa retratam um fato histórico através da arte. O primeiro autor produziu um texto dramático unindo o lírico, o épico e o dramático em versos fortes e precisos refletindo, julgando e representando a luta de uma gente que se rebelou contra o novo regime político imposto (República), desejando a volta da monarquia. O outro, em doze poemas, consegue expressar a angústia de uma nação que perde o poderio político e econômico diante do continente ao qual pertence e acredita que um rei de apenas quatorze anos, perdido numa batalha na África, salvará o país desta situação.

Nas próximas páginas analisaremos a relação literatura e sociedade, através de duas obras ficcionais baseadas em fatos reais, e como cada autor aborda isso em respectivos textos.

1º. Capítulo: OS MITOS

A arte é uma forma de expressão de pensamento, de vida e da necessidade de expô-los. A literatura é uma arte. Ela expressa conteúdos da mente do povo e, inclusive, do próprio autor quando é produzida. A obra literária não é o simples reflexo de uma consciência real, mas sim, a efetivação da consciência e a concretização das tendências de determinado grupo social.

Para estudar essas afirmações, usaremos as obras “Mensagem” e “Antônio Conselheiro”, escritas por Fernando Pessoa e Joaquim Cardozo, respectivamente, que refletem pensamentos míticos de D. Sebastião e Conselheiro. Esses mitos e o modo no qual os autores expressam esses mitos através de suas obras serão analisados comparativamente.

A literatura comparada surgiu na França por volta desde 1800, com Staël, com forte influência do enciclopedismo e da filosofia. No início do século XIX, começam os cursos de literatura comparada, mas só em 1897, passam a ser acadêmicos. “Paris definiu a literatura comparada como a nova ciência que se interessa pelo folclore, pela mitologia e pela história do espírito. Brunetière, na Conferência de ‘La Litterature Européene’, definiu a literatura comparada com referência aos valores estéticos” (cf. Samuel, 1988, p.164).

Coutinho e Carvalhal (1994, p.216) têm uma outra variação conceitual e reconhece a literatura comparada como uma “arte metódica, em busca de ligação analógica, parental ou de influência com outros domínios culturais, de contexto literário próximos ou distante no tempo e no espaço de várias culturas”. Conforme Samuel (1988, p.167), a literatura comparada estuda as relações binárias, entre dois elementos somente, e estes dois elementos podem ser obras, escritores, grupos de obras, ou de homens, e mesmo literaturas inteiras, seguindo influências ao longo do tempo.

O nosso estudo comparativo relaciona todas esses conceitos de literatura comparada para analisar a arte utilizada por Pessoa e Cardozo nas suas obras. Os mitos Sebastianista e Conselheirista são artisticamente representados nas obras literárias, tentando tirar da razão (situação real) e conduzir para a emoção (literatura). A literatura é “um texto que veicula um tipo de conhecimento imaginativo” (Samuel, 1988, p.180). “Antônio Conselheiro” é baseado em fatos reais, mas isso não quer dizer que a história seja real. A literatura é produzida num espaço de liberdade imaginativa que faz de um fato real um outro fato irreal, explora do leitor a emoção, não tem a intenção de ser racional e não o é. A informação, segundo Samuel (1988), não está no que é dito, mas em como é dito; informa-se, simultaneamente, através da forma e do conteúdo.

O texto dramático de Cardozo não exclui o poético. A poesia conjectura uma interação entre significante e significado, construindo uma outra realidade, a realidade do eu-lírico. É a construção da arte, que através de sua forma engrandece a mensagem.

Na poesia, na arte, as palavras são sementes que liberam sensações e sentidos, permitindo diversas interpretações. Não é à toa que Pessoa emociona através de seus versos e seus críticos o lêem de diferentes formas e constroem diferentes conclusões de sua escrita poética. Em “Mensagem”, Pessoa deixa claro a influência de D. Sebastião na composição de seus poemas, assim como Cardozo relata poeticamente a Guerra de Canudos e a crença dos conselheiristas na salvação. Deste modo, podemos indagar quais são as possíveis influências refletidas do meio sobre a obra destes dois escritores e como eles representam esta realidade e a transformam em realidade ficcional, produto social.

“Mensagem” e “Antônio Conselheiro” retratam mitos originados em diferentes contextos, e não se trata de literatura informativa, propriamente dita, sobre os fatos históricos, mas de uma leitura artística desses fatos, no contexto em que eles surgiram. O tema do estudo é o mito, mas as obras são de composições distintas. A obra do autor português é um poema e a obra brasileira é um texto dramático, cada um com sua especificidade de produção artística. “O mais importante é captarmos as relações múltiplas entre o conteúdo e a sua manifestação formal para entendermos a obra como um todo” (Aragão, in Samuel, 1988, p.77). A comunicação entre o leitor e o poema exige antes da compreensão, a emoção, transmitida através da liberdade gramatical, lógica e formal, na tentativa de ser mais autêntico.

No texto dramático, como é o caso da nossa segunda obra, os caracteres e “as emoções são representados através de personagens em ação, [...] As falas dramáticas possuem uma função determinada e nada pode ser supérfluo” (Aragão, in Samuel, 1988, p.79/81). Destaquemos também as didascálias, que na obra de Cardozo são indispensáveis, por completar a ação dos personagens. Mais adiante, a autora considera que o épico “exalta fatos históricos e personagens heróicos [...] é o estilo mais próprio para traduzir os sentimentos coletivos, a grandiosidade dos cenários, dos heróis, dos combates e dos sentimentos” (1988, p.76), de forma que podemos considerar “Antônio Conselheiro” um texto épico.

Se observarmos, o protagonista histórico desta obra é um herói épico, transfigurado, pelo autor, em personagem literário, paciente e astuto, rodeado de religiosidade, veste-se numa aura mística para seus seguidores. O Antônio Conselheiro da obra, enquanto arquétipo, é dotado de força espiritual sobre-humana e virtudes excepcionais.

Apesar de reviver um personagem histórico, o Conselheiro criação literária é rodeado do maravilhoso, atua como um deus e, na construção dramática, é autor de fatos sobrenaturais que se interpõem na solução do problema.

Ambos os personagens históricos aqui estudados tornaram-se mito para seu povo; messias que vêm salvá-lo de um problema do qual está sendo vítima.

A concepção de mito adotada é a de uma narrativa que se torna um símbolo para um grupo social e muitas vezes serve como apoio em momentos de instabilidade, personificando coisas ou acontecimentos, dando-lhes uma explicação. “Cada mito mostra, por manifestação do sagrado, como cada realidade veio ao mundo” (Samuel, 1988, p.182). A consciência mítica pressupõe uma identidade entre as coisas, fundindo objeto e sujeito, visível e invisível, natural e sobrenatural.

Em *Mito e Realidade*, Mircea Eliade (1994, p.7) declara que, para os eruditos ocidentais, o mito significa mais que “história verdadeira”; era “extremamente precioso por seu caráter sagrado, exemplar e significativo”. Platão apreciou o mito como um modo de expressar certas verdades que escapam à razão, podendo “expressar os deuses e suas operações sobre o mundo, explicando a natureza da alma humana” (Samuel, 1988, p.183). O mito é poético e é literário por recriar o mundo e dar-lhe uma significação, porque, segundo Samuel (1988, p.183), criar um mito significa “extrair da realidade uma narrativa que, de modo não-lógico, enfrenta o problema de explicação da própria realidade. Ou seja, o mito seria uma metáfora da realidade, daí a ligação entre metáfora e mito”. O mito é uma realidade cultural infinitamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas várias que se complementam, tornando-se um ingrediente indispensável para a sociedade; “longe de ser uma fabulação vã, ele é, ao contrário, uma realidade viva, a qual se recorre incessantemente [...]” (Eliade, 1994, p.23).

É esse recorrer incessante que não deixa de aparecer nas poesias de Fernando Pessoa:

Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras português,
Tornar-se mais que o sopro incerto
De um grande aneio que Deus fez?
(Pessoa, 2001, p.58)

Esse excerto representa o valor e a força refletida na obra séculos depois do surgimento da idéia do mito D. Sebastião, refletindo também nas pregações de Antônio Conselheiro no Brasil. Podemos comprovar isto trazendo Joelza Rodrigue, que em seu livro *“História em Documento”* cita o livro de Euclides da Cunha “Os Sertões”, no qual o autor transcreve um canto dos jagunços aliados a Conselheiro :

Visita vem nos fazer
Nobre D.Sebastião
Coitado daquele pobre
Que tiver na lei do cão (Rodrigue, 2002, p35).

Para todos que crêem no mito, como vimos, ele reflete uma realidade, uma materialização inexplicável dos anseios de determinado grupo social, afinal “de uma maneira ou de outra ‘vive-se’ o mito, no sentido de que se é impregnado pelo poder sagrado” (Eliade, 1994, p.22), dominante e gerador de confiança.

A literatura recria a realidade com arte, agindo pela emoção – como age o mito – e afastando a razão. “Antônio Conselheiro” é oriundo de um fato histórico, com relatos reais, porém, muito mais que isso, a fantasia brota na escrita de Cardozo. Não podemos esquecer que Conselheiro adota trajes, aparência e comportamento de um messias, tanto na realidade histórica quanto na realidade ficcional. A pregação dele é em torno da salvação cristã, em ambas as situações.

Os termos “messias” e “messianismo” provêm da linguagem corrente que os definiu de acordo com relatos bíblicos, segundo Darmesteteri (*in* Queiroz, 1976, p.25), e propagou-se até os dias atuais, surgindo novos personagens messiânicos, entre eles D. Sebastião e Conselheiro.

Um outro fator importante é que estes dois mitos não anularam o poder do Messias cristão: Jesus. Eles prometeram um reino de paz e felicidade para seu povo; e o reino dos céus e o fim do sofrimento pelo retorno do regime monárquico, respectivamente. Essas crenças messiânicas geraram-se a partir da instabilidade política e econômica daquele período histórico, e essas obras estão intimamente relacionadas a esses acontecimentos. Assim, une-se à valorização do invisível, visto como realidade objetiva, e à predominância da imaginação como realidade de poder cognitivo. “Mensagem” funde o humano e o divino pela nostalgia do invisível “encerrando o infinito poder de evocar e sugerir do poeta” (Camocardi, 1996, p. 9) que não desenvolve uma visão puramente ou intencionalmente histórica e factual, porém toda a obra tem em si uma certa fabulação, resultando numa concepção trans-histórica ou supra-histórica, contendo em si, uma realidade que excede as coordenadas do tempo e do espaço.

Em “Antônio Conselheiro”, Joaquim Cardozo faz ressurgir o messias que ele foi para seu povo. Ambos os mitos têm sua origem fantástico-religiosa, tornando mais estreita a relação entre mito e religião. Sabendo que esta obra é um texto dramático, a análise das didascálias é fundamental, pois o autor usa-as para demonstrar a verossimilhança com o fato real, dando veracidade ao texto e à provável interpretação. É nas marcas que o autor caracteriza os personagens dando-lhes subsídios para uma interpretação próxima do real – mas que fique evidente que não é real – e considerando o fato histórico em cada representação das cenas traçadas durante todo o texto dramático. Cardozo é minucioso, especialmente nesta parte do texto, onde procura a perfeição narrativa para transmitir as emoções além da ação de personagens.

A condução da peça é orientada pela tensão que dá essência ao dramático, porém, para a obra ter sentido, seria dispensável a encenação, pois Cardozo é muito objetivo – na medida possível de objetividade para uma produção artística –, comovendo o receptor.

Arte e realidade são objetos distintos. Enquanto a arte é uma releitura da realidade, a outra seria aquilo que existe efetivamente. A literatura é uma arte, produzida em relação ao meio físico e humano, como salienta Antônio Candido (2000, p.170), que mais adiante conclui que ela é:

Essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do autor de ficção e construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequada à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra. (Cândido, 2000, p.179)

A arte contém o pensamento do escritor, um pensamento essencialmente poético e recheado de imaginação. O imaginar é o contraponto de formar. Esse contraponto é a presença da tensão do limite e do ilimitado, do discurso e do imaginário, do homem ultrapassando as fronteiras da realidade e do real. Não se trata de ilusão, mas sim de poetizar a realidade.

2º. Capítulo: PESSOA E CARDOZO

Fernando Pessoa é um poeta que se expressa não só por conceitos, mas também por símbolos. Estes surgem na sua obra não como artificios literários ou estéticos, mas como captadores e transmissores de sua visão de mundo.

Mensagem expressa mitos que os descobrimentos e as conquistas revelaram em forma e ação, construindo poesias, exprimindo pensamentos coletivos de sua pátria. Pessoa, ao compor a obra, vai às raízes formadoras de sua espiritualidade: a mitologia histórica dos romanos, a mitologia cósmica dos celtas e a mitologia judaica, com uma visão providencialista da história. “A obra oriunda dessa confluência pode ser considerada uma epopéia porque parte de um núcleo histórico” (Camocardi, 1996, p.9), adquirindo significação num contexto mitológico, tornando-se imortais, homens e feitos manifestadores, em si próprios, mitos significativos.

Fica difícil enquadrar esta obra num gênero literário, pois traz traços da épica e da lírica. Inclusive Camocardi (1996, p.11) demonstra essa complexidade ao afirmar que “muitos críticos e estudiosos da obra pessoana têm-se debruçado sobre a classificação de *Mensagem* quanto ao gênero literário. Poema épico? Poema épico-lírico?” e utiliza Antônio Cirurgião (*O olhar esfíngico da Mensagem de Fernando Pessoa*) como exemplo, afirmando que este “chega a considerá-la uma composição híbrida, fundindo-se a lírica, a épica e a elegia”. Massaud Moisés (sd, p.7), em *A criação Literária*, compreende-a como épico de modelo moderno, como pensa também Maria Helena Nery Garcez (apud Camocardi, 1996, p.11), na sua *Mensagem: profissão de fé poética*, ao considerar que “a essência do épico não está em apresentar uma proposição, invocação, dedicatória, narração e conclusão, mas em apresentar uma interpretação da História do Homem e do sentido do mundo”.

Apesar de não ser declaradamente intencional, *Mensagem* é o reflexo de sentimentos patrióticos, rememorando fatos históricos portugueses revividos por Pessoa. Roland Barthes (2000), em *O Grau Zero da Escrita*, afirma que as palavras de um autor não são inocentes por sofrer pressão da história e da tradição e que, apesar de serem construídas significações novas, as palavras se prolongam misteriosamente no meio do novo. Esta é a realidade de Pessoa ao construir *Mensagem*. O autor passeia na sua própria alma lembrando do passado e tentando livrar-se dele, através da liberdade poética, situação que nos remete a Barthes (2000, p. 3), quando ele ressalta a escrita como um “compromisso entre a liberdade e um a lembrança”

Nos poemas de *Mensagem*, segundo Sônia Prieto (1989, p. 192), “a filosofia de Portugal aparece alusiva e veladamente [...], de modo ao que o referente épico apresenta-se como pretexto para interrogação humana projetada para o futuro, construída por símbolos e prefigurações extremamente objetivos”.

Apesar de fazer menções à épica, esta obra não constitui um relato, mas uma criação de símbolos apoiados na base histórica, transformando-a e elevando-a a um plano mítico para, assim, ter significações capazes, portanto, de fecundar a realidade, engrandecendo a nação e promovendo a evolução da humanidade.

Toda esta simbologia torna a obra verossímil, segundo o conceito de Barthes (1971, p.16), “aquilo que o público julga possível e que pode ser totalmente diferente do real histórico”. A arte, para atrair o leitor, precisa ser verossímil, tanto interna – no conjunto de fatos, na sua seqüência lógica – quanto externamente, pois deve ser convincente ao se referir a fatos históricos os mais diversos.

Sob o prisma do patriotismo, muitos autores despojaram seus versos, também no Brasil, com temáticas regionalistas como guerras, batalhas e regimes políticos e suas revelias. A guerra de Canudos, por exemplo, serviu de mote para diversas obras, como filmes, literatura, pinturas, esculturas. Entre elas podemos citar a obra de Euclides da Cunha, “Os Sertões”, e a peça teatral de Joaquim Cardozo, “Antônio Conselheiro” – texto que recebe o nome do líder desse movimento.

A fim de comparar a temática, estudaremos a obra “Antônio Conselheiro” a qual confrontaremos a “*Mensagem*”. Ambas as obras referem-se a um homem que tornou-se mito após prometer e convencer

inúmeras pessoas do seu poder de dar melhores condições de vida a pessoas sofridas, que criam naquelas palavras.

A temática em *Antônio Conselheiro* é a da morte e da esperança já plantada pelo personagem histórico, servindo de inspiração para Joaquim Cardozo. A produção dramática de Cardozo apresenta, neste caso, algumas tendências do drama épico, como a intervenção do coro e da música, a escrita lírica e épica e a união do divino com o humano, todas indispensáveis para a nossa análise.

Música, calmaria, gestos, olhares, silêncio, agitação fazem desta obra uma perfeita construção em linguagens poéticas, trazendo para a obra a semelhança com o ambiente real – o momento histórico –, transportando-nos para a realidade artística criada por Cardozo. Essa transposição faz o leitor sentir-se sujeito – ator-personagem – “construtor e condutor da história resultando numa original experimentação estética que denuncia e critica as elites dominantes” (Leite, 2003, p.17), que durante todo o texto dramático humilha e despreza o povo do Arraial Novo do Bom Jesus. Além de fazer uso da liberdade e da lembrança – como Pessoa –, Cardozo refletiu o sofrimento de um povo.

Joaquim Cardozo transmite, através de um personagem histórico transformado em mito religioso, a cultura nordestina através de um texto que vive, que transmite vida numa construção altamente poética, unindo personagens e público. A arte que Cardozo produz é extremamente ativa, dando razão a cada palavra que ao todo se complementam, constituindo uma obra efervescentemente crítica, e mesmo sem ser encenada monta-desmonta-remonta idéias e mensagens capazes de dar significação a cada quadro atingindo a unidade no texto.

Produzir um estudo monográfico sobre Cardozo e Pessoa é, além de ousado, difícil, pois comparar artistas com tais grandiosidades e variedades críticas diferentes torna-se complicado. O poeta português possui acervo bibliográfico extenso, um estudo crítico bastante diversificado em diversas partes do mundo, enquanto que, sobre o dramaturgo brasileiro, encontram-se raríssimos estudos publicados, sobretudo sobre a obra “Antônio Conselheiro”. O que há é uma pesquisa qualitativamente estruturada, desenvolvida por um nordestino chamado João Denys Araújo Leite, em torno da trilogia cardoziana dos Bumba-meu-Boi.

A produção do nosso dramaturgo reflete o popular, isto é, o povão humilde da história. Sua arte é preciosa para a literatura contemporânea pela nova forma de abordagem ao épico, resultando de uma “original experimentação estética que denuncia e critica as elite dominantes no solo onde as tramas e enredos se desenvolvem” (Leite, 2003, p.16). Em “Antônio Conselheiro”, o eixo é a personagem histórica real recheada e rodeada de saberes populares, metamorfoseada em personagem fantástica. Apesar de ser engenheiro, a lógica não anulava as metáforas de Cardozo; o que ocorria era a soma da lógica à sensibilidade das formas verbais – no leitor, transformadas em formas visuais –, edificando imagens concretas através da sua poesia.

A própria voz de Cardozo confirma esta idéia ao ser entrevistado por Geneton Moraes Neto (1977, p. 138-139), quando este indaga sobre o fazer do engenheiro e o fazer do poeta: “A engenharia é a poesia pura” e usa este recurso para seduzir os que apreciam a arte. O encanto, a sedução da arte, a beleza estética, o deleite na emoção, o aconchego da literatura, a euforia, da interpretação, o fascínio dos versos, o saber da poesia... são encontrados nas obras de Cardozo e Pessoa que afloram sentimentos nos que bebem em suas fontes.

A poesia de Fernando Pessoa “canta (e chora) [...] a insatisfação imensa da alma humana, a sua contingência a sua precariedade, a sua limitação radical, as suas faltas sem limites” (Matos, 1995, p.55), cantando também a fome de superação, o desespero de ficar aquém, de manchar de humano, de efêmero. Suas palavras transmitem a dor da alma miserável e impotente entre os sentimentos humanos e divinos resultando no feito d’“O Quinto Império”. A sua arte é como uma febre de incertezas e insatisfações, principalmente na segunda parte de “Mensagem”. Podemos afirmar que esta obra reflete pensamentos muito concretos de Pessoa, mesmo que não seja o Pessoa pessoa, mas o Pessoa poeta da dor da saudade. Talvez um heterônimo não “batizado”.

As obras aqui focalizadas são modernas, seja a lírica moderna ou o drama moderno, dosadas de conteúdo maravilhoso – sustentando uma mistura das dimensões real e mítica – mais o plano histórico. A

amplitude de ambas se dá pela abordagem ao fato histórico como uma realidade temporal da realidade objetiva, enquanto o mito, sendo uma estrutura da afirmação do real, adere ao fato histórico, reduplicando sua estrutura de realidade, unindo realidade e misticismo com planos histórico e maravilhoso bem estruturados.

O leitor de uma arte não pode ser passivo nunca, pois precisa ultrapassar os significados do dicionário e sondar o que se faz sombrio e obscuro, lugar das sugestões dos possíveis e impossíveis da linguagem, afinal a poesia é “o exercício maior de nossa liberdade de ser. [...] A liberdade da qual falamos está na possibilidade de escolhermos as nossas palavras e de organizá-las segundo o nosso gosto, de investir nelas as significações mais caras ao nosso imaginário e às nossas emoções” (Teles, 1997, p.40) E assim foge da linguagem causal e recria-a de outra forma, de forma mais significativa para expor seus sentimentos. A literatura é o objeto final da poesia.

Mensagem, talvez, possa ser visto como a síntese de Pessoa e, logo, de sua obra, e da história de Portugal.

Assim como o poema de Pessoa, a criação teatral de Cardozo surge da apropriação da matéria popular, realizando uma criação infinitamente valorosa como o povo que serve de espelho para a construção desta obra. “Sua poesia nasce do povo para sacudí-lo, não é brisa para adormecê-lo” (Leite, 2003, p.26). Porém, Cardozo faz tudo isso com enorme discrição, cordura e maciez de trato, “como envoltórios de borracha o seu ser físico e moral, mas com persuasivas e contundentes e convincentes afirmações e convicções, também envoltas numa membrana de delicadeza que as fortalece”, (Houaiss, 1997, p.190) construindo uma arte de sabor ostensivamente pernambucano. Na escrita de Joaquim Cardozo é reveladora a intensidade comovedora e persuasiva, constituída, evidentemente, da paisagem nordestina.

Do teatro de Cardozo emerge o drama de viver, do viver biológico, do viver psicológico e deste viver desprestigiado pela trama podre de nossas relações sociais, de que participamos como grandes e pequenas vítimas e que o bando de Antônio Conselheiro (as grandes vítimas) sofre por reagir a favor de seus ideais. O grupo de peregrinos que o acompanha é formado por crentes em um mundo melhor, oferecido por ele, inclusive em nome do mito D. Sebastião, que apesar de não ser retratado na obra, encontramos esta informação em Rodrigue (2002, p. 34), quando cita Conselheiro como anti-republicano e “pregava o retorno de D. Sebastião [...] que voltaria para castigar os republicanos”.

Fernando Pessoa constrói uma “mensagem” que, fazendo uso da linguagem poética, dá sentido aos valores pregados no interior da Bahia. Escreve Sissa Jacoby (1997, p.108) a respeito de Mensagem: “sê-la de cunho místico e sebastianista a partir de uma interpretação simbólica da história portuguesa, matéria primeira do poema, e que pode ser identificada através de episódios e figuras históricas míticas e legendárias, que fazem parte da cultura lusitana, abrangendo desde o período de sua formação até as primeiras décadas deste século, fase em que o poema foi escrito”.

Tanto a obra cardoziana quanto a pessoana fazem uso da linguagem poética a fim de dar significação aos pensamentos míticos. O “mythos” é organizado através das ações das figuras históricas, invocadas pelo lírico, chegando a despertar no leitor o efeito mimético, não deixando de presentificar, de certa forma, uma mimese dessas ações, freqüentemente evocadas pelas imagens criadas. Deste modo, a história do Brasil e de Portugal, em “Antônio Conselheiro” e “Mensagem”, respectivamente, baila aos olhos dos leitores, recordando e interpretando, simultaneamente, e aproximando-se e distanciando-se do fato histórico.

As obras aqui focalizadas são de cunho épico, pois buscam recriar e reviver o passado. Mas, que fique claro, a inexistência de um passado único, principalmente em se tratando de arte. O passado histórico sofre modificações, pois é contada de acordo com a visão do intérprete. Imagine a arte que, além da visão exclusiva do artista, está recheada e coberta de emoções e postura ficcional, sem contar com a interpretação de cada indivíduo de cada leitor e de cada crítico. Neste vai-e-vem de arte, realidade, razão e emoção, elementos os quais constroem nosso pensamento, surge um ser, fruto de todas essas relações, capaz de dominar a mente de um grupo: o mito. O imaginário grupal, segundo Reñones (2004, p.79), faz surgir o mito, pois não se trata de uma criação individual relatada inúmeras vezes, e de cada vez alguma informação

muda ou é acrescentada, sem intenção obrigatória, pois a intenção não é criar um mito, o mito é constituído desta maneira. De todo modo, o mito é mais que um simples relato ou um meio de transmitir informações, “ele tenta ser a expressão de uma experiência em diversos níveis” de uma só vez: “intelectual, emocional, social, religioso e ideológico”, sendo esse o caso de Antônio Conselheiro e do Rei Sebastião de Portugal. Podemos afirmar que o artista Pessoa e o artista Cardozo estão encharcados por esses mitos os quais retratam. Em Joaquim Cardozo a literatura é embebecida de intuição, sinestésias, afeto e de cognição quase profética, contudo, para ele, a “formulação só e perfeita quando passa pelo crivo da racionalidade que aceita, paralelamente, as antenas da emoção musical, plástica e por vezes mesmo mítica de nossa herança cultural” (Houaiss, 1970, p.194) sofrendo interpretações várias.

Diferentemente da peça cardoziana, o poema pessoano não relata, nem informa a respeito de personagens ou eventos históricos.

A história de Portugal aparece alusiva e veladamente em “*Mensagem*”, de modo que o referente épico apresenta-se como pretexto para a interrogação humana projetada para o futuro, construída por símbolos e peregrinações extremamente subjetivos.

No ensaio ‘A Nova Poesia Portuguesa’, publicada na revista *A águia*, Fernando Pessoa delinea o projeto de seu poema nos seguintes termos:

E a nossa grande raça partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço, em naus que são construídas ‘daquilo de que os sonhos são feitos’. E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal antearremedo, realizar-se-á divinamente. (Prieto, in Estudos Portugueses, 1995, p.191)

Quando o artista se sensibiliza com as coisas do mundo, ele ratifica sua visão apreensiva, com os recursos sonoros da língua que consegue realizar. “A carga emocional do artista sofre um processo de progressão gradativa, que se depreende da estetização do conjunto verbal”. (HILL, in Samuel (org), 1988, p.27)

Enxergo o escritor como um ser social, que vê, compreende e vive ações sociais. O escritor é um membro da sociedade em que ele vive mas sua arte transcende seu mundo, pois “o artista exprime a realidade, a história, e a literatura é um reflexo do processo da história”. (HILL, in Samuel (org), 1988, p. 14). A arte não só reproduz a realidade, mas dá forma a um tipo de realidade, do modo que ele a enxerga, porque a arte tem seu próprio mundo e ilumina o mundo da realidade, “desrealizando” e criando sua própria realidade, que permanece válida mesmo quando contrária à realidade negada.

É dessa forma que nossos poetas aqui estudados ergueram suas obras, retratando, ao seu modo, a história de sua pátria, pois, para o arquiteto da literatura, a realidade é o que ele apreende com os olhos. Desse modo estudaremos como estes autores construíram sua realidade, partindo de uma situação real histórica, que também depende do relato a partir do ponto de vista de um outro que presenciou.

3º. Capítulo: O MESSIANISMO EM *MENSAGEM* E *ANTÔNIO CONSELHEIRO*

Conforme Simões (1938), a arte é uma tentativa de comunicação da maneira incomunicável do artista estar no mundo. O artista, enquanto tal, não racionaliza a vida, apenas a reproduz de maneira emotiva, porque quando ele tentar escrever com a razão deixará, naquele momento, de ser artista e assumirá um outro papel social. Ao representar a arte, o que importa ao artista é exprimir o que há de único de acordo com sua visão de mundo. Ao autor vale o combate da arte e da realidade, nascendo, assim, diversas formas de arte. Como escreve Simões (1938, p.308), não há nada “mais temível para um artista do que a paz. É raro sair um grande artista do seio da paz.[...] é preciso lutar” contra o meio. “A comodidade é a morte”. Se acomodarmos-nos não temos força. “Só com a força se vence a realidade, e toda a arte é uma vitória sobre ela”.

O que avaliaremos nessa pesquisa é o uso da realidade artística para representar uma realidade histórica, averiguando como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto de ela poder ser estudada em si mesma, pois só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce.

Mensagem e *Antônio Conselheiro* encontram-se nesta abrangência, pois estão mergulhadas num contexto social, político, econômico e religioso fora do seu tempo (passado), escrevendo sobre um momento histórico gerador de insegurança. O ponto de encontro entre as duas obras que nos serve de base é o messianismo, pois a primeira obra retrata a vida de D. Sebastião com seu povo e suas promessas de dias melhores. A outra refere-se à vida do personagem histórico Antônio Conselheiro, que também prometia aos seus seguidores menos sofrimento. Devido aos sofrimentos dos grupos sociais, construiu-se, não propositalmente, em Portugal, a crença em um mito; pois D. Sebastião prometeu reerguer o poderio econômico de Portugal, mas não disse que seria o salvador do povo português. Porém, no Brasil, a crença num mito de salvação foi implantada por Conselheiro para seus discípulos;

[...] Deus me consagrou
Nessa missão sobre a terra
Vim redimir o país.
(Cardozo,2001,p.58)

Deste modo, encontramos a crença no surgimento de um mito, crença esta gerada num período de crise política específico de cada país. Para retratar estes episódios históricos, tanto o texto dramático quanto o poético utilizam uma linguagem simples e precisa em relação aos mitos. Afinal, a arte não tem o compromisso de ser objetiva nem subjetiva. E o leitor interpreta a idéia do artista ao seu modo, mesmo que muitas vezes tal interpretação do leitor não condiga com a de outro leitor ou com o que o autor pretendeu.

“*Mensagem*” e o “*Antônio Conselheiro*”, apesar de gêneros diferentes, apresentam um caráter narrativo. Pessoa construiu seu texto com profundo caráter épico, reunindo 13 poemas interligados por uma temática de sentido único, assim como Cardozo, que dividiu a peça em 2 atos de 5 quadros cada um, que se entrelaçam no sentido geral do texto. Apesar de possuir uma temática mítica, os autores não deixam claro que seus protagonistas sejam mitos, porém, em algumas passagens de determinados poemas de Pessoa, ele clama a presença do Rei para a chegada da bonança. Em *Antônio Conselheiro*, a pregação do mito fica mais clara no sentido de que o povo crê que ele os salvaria do sofrimento ao qual estão submetidos.

Construída a igreja nova
Firmes ficaremos nesta terra de nossa escolha
E nosso Conselheiro nos conduzirá
Entre os tropeços deste mundo
(p.78).

O poema “O Encoberto” de *Mensagem* é um bom exemplo da força que o rei tem para com os lusitanos. O povo espera arduamente o momento em que o rei poderá voltar:

Só te sentir e te pensar
meus dias vácuos enche e doura
mas quando quiserás voltar?
Quando é o rei? Quando é a hora?
[...]
Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras português
(Cardozo,2001, p.78)

A arte imita a realidade quando os dois autores transmitem através de suas palavras, e no caso do texto dramático, quando as didascálias caracterizam as fisionomias de certos personagens em relação a seus pensamentos.

A escrita de Cardozo tem um sabor ostensivamente pernambucano, mostrando a força do povo que representa, de modo que filtra a razão pela emoção, construindo o texto dramático de forma poética para ser sentido de modo comovedor e persuasivo, retratando o drama humano de ser incapaz de construir a felicidade sem um mito que seja um veículo de ligação entre o divino e o humano. No terceiro quadro do primeiro ato uma mulher afirma que Conselheiro seria o veículo para tal felicidade.

O Bom Jesus
Mais uma vez, por intermédio
Do Conselheiro, nos salvou.
Ontem houve mais um milagre.
(Cardozo,2001, p.74-75)

Ao retratar o líder sertanejo, Cardozo consegue, através dos personagens, expressar o sentimento messiânico implantado pelo Conselheiro (personagem histórico).

Com a Igreja nova,
Com os milagres de Antônio Conselheiro,
O sol e a chuva ficarão unidos
Para fecundar as nossas terras:
Tudo que é seco ficará verde,
Tudo que é verde ficará maduro.
(Cardozo,2001, p.74)

Nesta passagem fica claro o poder de Conselheiro para seus seguidores: era um homem comum com o sonho de recuperar o regime monárquico. Para ilustrar a pregação dele, utilizaremos um excerto d’“Os Sertões”, citado por Rodrigue (2002, p.35), onde Euclides da Cunha escreve em nome dos rudes poetas, sobre o que acabamos de comentar:

Garantidos pela lei
Aqueles malvados estão
Nós temos as leis de Deus
Eles têm a lei do cão!
[...]
O anticristo nasceu
Para o Brasil governar
Mas aí está Conselheiro
Para deles nos livrar!
[...]
Visita vem nos fazer
Nosso rei D. Sebastião

Coitado daquele pobre
Que tiver na lei do cão!

Este fragmento representa também as idéias dos fanáticos religiosos que davam sentido à própria existência graças às palavras do Conselheiro. Neste momento o mito conselheirista de salvação já estava enraizado naqueles sertanejos ávidos pela justiça, sendo já uma identidade para aquele grupo. “O mito expressa o imaginário, suas tensões e contradições” (Reñones, 2004, p.83), e, por estar mais próximo dessas tensões, que consideramos como parte fundamental do imaginário daquela comunidade que constrói em Conselheiro, mesclando a divindade e o poder, como resposta à dor. Como o imaginário não é estanque e muito menos definitivo, chegou o momento em que outras idéias aproximam-se, gerando tensão e, posteriormente, um relato mítico, no qual todos acreditavam necessitar ser vivido como fator de reorganização para a assimilação de uma nova possibilidade de resistência.

D. Sebastião foi transformado em mito quando os portugueses implantaram a crença de que ele teria poder para salvá-los da crise econômica. Ele era um rei mas não pregava salvação e muito menos cultivou o messianismo. Quem alimentou esta crença, até hoje viva entre aqueles, foram, inclusive, intelectuais como Fernando Pessoa, que na obra *Mensagem* inspirou-se na história de seu país a fim de reconstruí-la ao seu modo. Para compreendermos a grandeza e o valor do rei Sebastião para eles, o livro, que foi dividido em 3 partes, dedica uma delas à idéia do mito sebastianista. O primeiro dos 12 poemas já recebe o nome no rei.

É interessante que vejamos os poemas desta parte dispostos em uma seqüência mais fotográfica, a qual foi apresentada por Moisés (2000, p.49)

Assim: **III. O Encoberto**

1º D. Sebastião	1º O Bandarra	1º Noite
2º O Quinto Império	2º Antônia Vieira	2º Tormenta
3º O Desejado	3º [‘Screvo meu livro	3º O Desejado
4º As Ilhas afortunadas	à beira-mágoa	4º Antemanhã
5º O Encoberto	5º Nevoeiro	

Como é possível observarmos, a 3ª parte é dividida em três seções, que se subdividem em outros poemas centrados num núcleo de ordem temático-ideológica, configurando-se a partir da relação desejo-desejado, a fim de construir um “império pressentido e sonhado na dimensão do impossível, configurando o sonho utópico do Quinto Império” (Prieto, 1995, p.192), que poderia realizar-se a partir das potencialidades do mito sebastianista e o seu poder, como podemos observar no poema:

Que importa o real e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
(Pessoa, 2001, p.51)

O povo nesse ponto não só pensa no mito, mas vive o mito de forma intensa e verdadeira, descrevendo, segundo Eliade (1994, p.11), “as diversas e algumas vezes dramática, irrupções do sagrado no mundo”. O mito retrata a verdade. Mas que verdade? A verdade que determinado grupo social enxerga, independente da realidade, porém, de acordo com sua crença no sobrenatural. Esta realidade é universal para aquele grupo, por transcender o histórico, pois é humano e construído pelo imaginário popular.

A crença dos nordestinos em Antônio deu-se por esse transcendentalismo —da razão prevalecendo a emoção e a fé na salvação —, pois, para eles, Conselheiro era o enviado de Deus para dar fim ao sofrimento por que estavam passando.

O desencadear da crença em D. Sebastião foi superior a do mito baiano por dois motivos fulcrais: o rei português era um líder nacional e o representante sertanejo era pobre e sem poderio econômico; D. Sebastião foi acreditado e divulgado por gente da elite intelectual, como Padre Antônio Vieira, e Conselheiro conquistou poucos fiéis católicos e atraiu a mão-de-obra que servia aos coronéis. Estes episódios são determinantes no valor depositado por cada indivíduo neste ou naquele mito. “A formação dos mitos obedece a uma necessidade cultural, isto é, os mitos são pressupostos culturais”, conforme Samuel (1988, p.183), o qual ressalta ainda que o mito é realidade por ter sido nomeado. A coisa já existe e só precisa de um nome para ser. O mito explica a realidade “e criar o mito significa extrair da realidade uma narrativa que, de modo não-lógico enfrenta o problema da explicação da própria realidade” (Samuel, 1988, p.183).

Conselheiro passa a ser real para seu povo quando mostra sua força como messias e as pessoas passam a enxergá-lo como um Deus:

O seu andar é como o de Jesus...
Passeando sobre o mar!
Há nele um anseio, um desejo
De partir, de seguir para longe,
Para o reino de deus, no céu.
(Cardozo, 2001, p.77)

Conselheiro tem poucas falas, o povo é quem nos faz enxergar o messianismo. Cardozo não constrói sua obra sob a fala do protagonista, e sim sob o olhar dos fiéis que o analisam e dos personagens que também o rodeiam e são representados nas marcas. Em *Mensagem*, Pessoa utiliza personagens históricos para nomear suas poesias, como se ao construir o poema estivesse ali implícita ou explícita a idéia de Vieira, Bandarra e o terceiro poema da secção “Os avisos”, que talvez seja o próprio Pessoa poeta, sendo desta forma que consideraremos o lirismo dele.

A realidade que os autores revelam em suas criações é nutrida pela realidade histórica combinada com arte literária. Observe: mesmo Euclides da Cunha, que foi jornalista durante a Guerra de Canudos, ao escrever “Os Sertões” não produziu como documentário exclusivamente, seu texto possui bastante literariedade a ponto de receber diversos prêmios por isso.

Observe esta opinião de Machado de Assis, selecionada da revista *Continente Multicultural* (2003, p.13), numa reportagem que se refere ao centenário de “Os Sertões”: “Ora bem, quando acabar esta seita de Canudos, talvez haja nela um livro sobre o fanatismo sertanejo e a figura de um messias”. Quando Euclides da Cunha dirigiu-se ao interior da Bahia para fazer a cobertura jornalística dos fatos, este já tinha decidido escrever esse livro. Ao escrever, relatar, os fatos ocorridos em Canudos, Euclides escolheu as palavras mais significativas, assim como fizeram Pessoa e Cardozo, para edificar seus textos. Principalmente Pessoa, já que a poesia transmite as emoções em poucas palavras, pois o poema é ele por ele mesmo, diferentemente do texto dramático, que além das falas contém as didascálias e outros recursos como a música, a poética e a interpretação, complementando o sentido do texto.

Cardozo mergulhou na realidade de aproximadamente 100 anos, traduzindo de forma simples e profunda a face cruel da miséria e da violência que dominaram aquele momento triste, marcante e irreparável para a gente de Canudos, denunciando o cinismo e a falsidade das autoridades. Na obra, esses personagens surgem com historiadores, sociólogos e jornalistas, estudiosos da personalidade de Antônio Conselheiro, e estão dispostos nas didascálias da seguinte forma:

são seis: o primeiro usa um chapéu de cor e alpercatas, o segundo, fraque e chapéu de coco, o terceiro, uma farda antiquada e boné de soldado, o quarto, uma velha batina e barrete de clérigo, o quinto, roupa branca e chapéu do panamá e, o sexto, usa uma barrete cônico e sobrecasaca; todos sobraçam grandes livros e tem máscaras com orelhas grandes, os olhos oblíquos e as bocas largas; na boca, um sorriso meio imbecilizado (Cardozo, 2001, p.104).

É assim que Cardozo descreve estes personagens através da didascálias do início do segundo quadro. Na seqüência surgem algumas mulheres rezando para Conselheiro e simultaneamente ouvem-se os

risos altos das figuras mascaradas que vão surgindo ao longo do quadro, risadas cada vez mais altas, dominando em certo momento a cena; confundindo-se, em outros, com os tiros da fuzilaria. Após toda essa agressividade moral, Canudos é atacada e destruída, contudo Joaquim Cardozo tenta transcrever a realidade sem abandonar a poeticidade.

Canudos terminou – Todos os seus defensores
Morreram; resta apenas no campo de batalha
Um braço erguido, com a sua mão aberta:
O braço erguido de uma criança;
Um braço erguido como uma bandeira
De uma infância, de uma dor, de uma pátria
(Cardozo, 2001, p.111)

Neste fragmento é expressa uma dor intensa com todo o lirismo que um texto dramático pode ter. Cardozo comove profundamente a alma do leitor, fazendo-o sentir-se como aquele menino e sentir aquela mesma dor, refletindo a intensidade do drama artístico representado no drama daquele personagem. Essa genialidade de expressar poeticamente a dor também é pedra preciosa lapidada por Fernando Pessoa no momento de intimidade com os seus sentimentos que traduz em poema, em arte. Podemos perceber, através de seus versos, a expressão da angústia em não ter o rei D. Sebastião por perto, porque ele houvera desaparecido séculos antes. No poema “O Bandarra”, representante-mor de seu povo e de sua pátria:

Não foi nem santo nem herói,
Mas Deus sagrou com Seu sinal
Este, cujo coração foi
Não português mas Portugal
(Pessoa, 2001, p.56)

Esta pátria tão amada e tão querida tem um povo tão sofrido por ter perdido seu império, já que era uma nação forte e agora sofria a humilhação inglesa e mais tarde a queda da poderosa monarquia lusitana. Os acontecimentos subseqüentes causaram um processo de declínio demorado e sutil, deixando marcas profundas nos portugueses, sentidas ainda um século depois. Mesmo vitorioso, “o movimento republicano enfrentava, no parlamento, uma maioria monarquista cujos adeptos, em grande número, ao se darem conta da fragilidade do novo regime, passaram a lutar abertamente pela volta à monarquia” (Moisés, 2000, p.13).

Todos esses acontecimentos deixaram Portugal cheio de incertezas nas poesias de Pessoa, que, aos 32 anos, escrevera “um longo poema de teor místico e sebastianista, a fim dos que integram *Mensagem*, intitulado ‘A memória do presidente-rei Sidônio Pais’” (Moisés,2000, p.15). *Mensagem* contém poemas, como “O Quinto Império”, em que é clara a transgressão histórica. Fernando Pessoa respira a história de Portugal como o próprio ar que o faz viver. É como se fosse a essência do seu existir, ele canta a história como o apaixonado canta o amor à sua amada, a qual, neste caso, é Portugal, o amor é o nacionalismo, e o apaixonado é o autor.

Para elaborar *Mensagem*, Pessoa selecionou diversos símbolos de modo plenamente individual e característico, entrelaçando o épico e o lírico, implicando a dissolução e a desconstrução da estrutura narrativa específica do gênero épico. Em se tratando de *Antônio Conselheiro*, aí é que a literatura vira brinquedo. Para Pessoa e Cardozo, literatura é brincar com texto todo e suas partes, é ferver a arte, é bater no liquidificador o lírico, o épico e, no caso do Joaquim Cardozo, o dramático e sair aquela vitamina gostosa e forte que nutre a alma do leitor e deixa o crítico boquiaberto, sendo elemento construtor da evolução poética e de suas conjunturas; usa a paisagem e a história nordestina para ser o cenário de seu texto. Cardozo é subjetivo ao poetizar o objeto evocado, conseguindo excluir o pitoresco e o exótico, dando asas ao maravilhoso.

Toda arte tem um quê de maravilhoso. Ao escrever *Antônio Conselheiro*, Cardozo constrói *a priori* uma atmosfera favorável e acolhedora para este recurso estilístico. Ao iniciar o primeiro quadro do segundo ato, as tropas da 4ª expedição invadem Canudos e sobre galhos ressequidos está depositado “o corpo do Chefe da 3ª expedição, coronel Moreira César; está escanchado na árvore ainda vestido com sua

farda de coronel” (Cardozo, 2001, p.99); assim é descrita a cena na didascália quando se refere ao militar. Mais adiante, outra didascália surge deste modo:

[...] o coronel Moreira César, sem cabeça, começa a descer da árvore, vê, nitidamente, as suas mão descarnadas, enluvadas de preto, agarrem-se aos ramos da árvore e fazem o corpo deslizar até o chão, apanhar a cabeça e coloca-la entre os ombros [...]. O coronel caminha para os soldados mortos [...], ergue o busto,[...], faz um gesto violento com a mão direita [...] em voz cava uma ordem de comando
(Cardozo, 2001, p.99)

Em seguida trava um diálogo com o general como se estivesse vivo. Tudo parece tão verdadeiro graças a Joaquim Cardozo, que escreve um texto de modo tão perfeito e literariamente coerente.

Não é somente Cardozo que, ao produzir sua arte, envereda por delírios líricos. Fernando Pessoa também formula seu texto entre desvarios que, para ele, naquele momento, foi representativo. O poema "As Ilhas Afortunadas" sugere que alguém ouve vozes que se calam ao serem ouvidas

Que voz vem no som das ondas
Que não é a voz do mar?
E a voz de alguém que nos fala,
Mas que, se escutarmos, cala,
Por ter havido escutar
(Pessoa, 2001, p 54)

Na verdade todos sabemos que é impossível isso ter acontecido no fato histórico, porém, no relato literário, tudo é possível. Cardozo e Pessoa utilizam o imaginário para estruturar a leitura da realidade. Não há, entretanto, uma fuga da lógica, o que ocorre é a criação literária. A arte, ao se compor, ou seja, ao comporem-na, tem seus conteúdos atenuados, de acordo com Telênia Hill (1998, p.27), como desenvolvimento aos respectivos assuntos, "pela ação estetizante que se consuma nas frases e nas palavras". O sentimento poético existe nos dois textos estudados, provém do sentimento individual do homem-artista e de sua leitura no mundo, porém, mesmo assim, ultrapassa-o de muito, quando se amplia e se dilui a personalidade em artificialidade. "A carga emocional do artista sofre um processo de progressão gradativa, que se depreende da estetização do conjunto verbal" (Hill 1998, p.27).

O artista ergue a concepção de mito dele e de seu povo, do povo o qual descreve, a partir do diálogo com o mundo, tentando compreender o que lhe é dito e expressando o que entende através da parceria do real com o imaginário. Sensível às coisas do mundo, o artista literário ratifica sua visão apreensiva, com os recursos sonoros da língua que consegue realizar. Os poetas Cardozo e Pessoa transportam Antônio Conselheiro e D. Sebastião, respectivamente, para a sua obra de maneira diferenciada, uma vez que os dois mitos não surgiram da mesma forma. No caso do mito português, foi o povo que o construiu, não foi ele quem agiu como tal. Ele apenas prometeu livrar o povo do sofrimento após a batalha que iria enfrentar na África. Como ele desta não retornou, o povo creu que ele voltaria em seguida, no entanto isso não ocorreu e ele tornou-se um mito para todos aqueles que o esperavam. Paralelamente, no sertão brasileiro, Antônio Conselheiro prometia também livrar seu povo do sofrimento causado pelo regime republicano e foi o principal responsável pela criação do mito sobre si mesmo. Uma das características que diferencia um mito de história, para Reñones (2004), é a abrangência que o primeiro tem para um grupo.

Joaquim Cardozo, assim como João Cabral de Melo Neto, seu contemporâneo, é engenheiro na vida e no verso, arquiteta, trabalha, faz do verso uma peça moldável e reconstrutível. É o caso de destacar as inúmeras virtudes técnicas que elevaram a categoria de "excelente artífice e artesão do verso", como escreve Houaiss (1970, p. 194). A poesia de Pessoa também tem esse afínco de aperfeiçoamento do verso.

Quando ele escreve é como se o mundo parasse e ele voltasse no tempo. Ele consegue versar e conversar com o leitor, transmitindo ação e emoção na construção de seus versos. Cada poema da terceira parte de *Mensagem* refere-se a um elemento do brasão de armas português, correspondendo a

peças da história portuguesa que afloram no poema pelo cruzamento de inúmeras vozes numa teia polifônica, num concerto a várias vozes donde avulta a voz do poeta.

Esses homens-poetas retratam o mito de modo que parecem estar exatamente naquele momento sobre o qual se referem. O mito surge da necessidade do homem em buscar uma condição diferente de vida, e esta busca advém do não conformismo. Os heróis que povoam ambas as obras caracterizam-se, justamente pelo desejo de fugir ao conformismo. A exemplo disso, Pessoa lamenta:

Triste de quem vive em casa,
Contente com seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!
Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
[...]
Ser descontente é ser homem
(Pessoa, 2001, p.52)

A conquista da mudança de condição de vida é também vivida pelo mito conselheirista tanto na vida real histórica como na vida dos personagens do texto dramático. Antônio Conselheiro vai à luta com seu povo, diferentemente de D. Sebastião, que vai à luta e o povo fica a sua espera.

Ao ser avisado de uma invasão do exército, Conselheiro diz:

Devemos resistir como se nada houvesse
Como se nada tivesse havido;
É uma nova luta, uma nova dor,
Entre as muitas das quais
Devemos ter o alívio
Nas regiões do mundo da salvação,
Entre as muitas que **deveremos**
Ainda sofrer antes de **chegarmos**...
(Cardozo, 2001, p.58)

Este excerto mostra o que acabamos de afirmar: Conselheiro sempre esteve com seu povo, e inclusive morreu junto de seus companheiros na luta pela vida, pelo direito de pensar e expressar seus pensamentos. Ambos os fragmentos explicitam a trágica condição humana de si mesmo, “na ânsia nunca satisfeita de atingir o impossível” (Pietro, 1995, p.193). É aí que surge a insubmissão, a “febre de além”, a loucura visionária como marcas distintivas dos heróis, a necessidade de sair das condições impostas pelos poderosos e pela vida, conquistando sonhos e buscando outros.

A questão mítica conselheirista na obra de Cardozo aparece principalmente no primeiro ato, com bastante ficcionalidade e pouco compromisso com a realidade histórica no primeiro quadro. Para melhor compreendermos o que seria esta ficcionalidade e esta realidade, é importante absorvermos o que é arte e o que é realidade, que neste caso, abrange toda a vida mítica de D. Sebastião. O que é arte e o que história? O que podemos destacar, estando em acordo com os relatos históricos na obra, são as características físicas dadas a Antônio Conselheiro; o repúdio de algumas pessoas; mau trato das autoridades para com Conselheiro; alguns indivíduos que tentam desestimulá-lo; age como sendo profeta; Antônio Conselheiro alimenta o espírito de seus seguidores; prega a salvação cristã; a construção da igreja; a fé dos jagunços nas palavras de fé de Antônio Conselheiro; ele é tratado como um Deus (um enviado); os ataques do exército a Canudos; a morte do líder Conselheiro e tantas outras características menores, que ao sobreporem-se na obra, engrandecem-na a cada fala dos personagens, a cada nova marca, dando vida à obra de Joaquim Cardozo, transubstanciando a história de fé e sofrimento daqueles sertanejos.

O teatro deste pernambucano está profundamente ligado às formas de ver e representar o mundo e a realidade de seus conterrâneos, consolidando as relações sociais existentes neste universo em constante transformação, mostrando a dinâmica das contradições, mas que tudo é passível de mudanças pelas mãos da fé. A elaboração de textos dramáticos com a temática da cultura nordestina é uma constante na obra de

Cardozo, autor de uma arte eminentemente popular, pois é dirigida ao povo. Se utilizarmos as idéias de Augusto Boal (1979), localizaremos o teatro de Cardozo dentro de um teatro popular possível. De acordo com a visão de Leite (2003, p.107), este teatro constrói uma imagem de cultura popular, “na qual o povo é bom, sua arte e que é autêntica e que expressa reais valores” pátrios. Portanto, podemos afirmar que o teatro cardoziano é um teatro de perspectiva popular, podendo seu destinatário ser o povo ou não, sendo fruto de uma outra visão de mundo e de arte popular, revendo criticamente o passado e buscando testemunhar a sociedade em que vivemos, contribuindo para que os novos e os velhos reflitam sobre a história de sua nação e sobre o que ela esconde.

Se observarmos, não é para ficar trancada num armário, esperando que alguém a descubra. Toda arte tem seu público-alvo. Quando o autor escreve, ele imagina que público, para quem está direcionada, para quem vai lê-la. A obra de Fernando Pessoa foi direcionada para a classe popular intelectualmente mais abastada, causando aqui uma divergência entre as obras. Divergência essa que não aumenta ou diminui o valor individual delas. Apesar de o público ser o último ponto que deve ser considerado, como vemos em Antônio Cândido (2000,p.34), no nosso caso não deve ser assim porque a nossa temática trata-se de mitologia, e o mito quem constrói é o povo, e não o autor, já que ele não inventou o mito, ele o traz de uma realidade histórica. Ele simplesmente representa o que capta do público sobre o mito. *Mensagem* refere-se à arte popular, e assim como Cardozo, Pessoa escreve atingindo o patamar de confronto entre arte e realidade. O autor de *Mensagem* inclui na sua obra apenas alguns aspectos voltados para o histórico, como, por exemplo: a insegurança constante na volta de D. Sebastião; a crença no poder do Rei; a idealização do Quinto Império; a imaginação que o rei não morreu e está apenas o momento exato de voltar; o apoio de intelectuais às idéias messiânicas; a ansiedade para recuperar o prestígio diante de outras nações. “A terceira fase, de *Mensagem*, é de desencontro, incertezas e expectativas, e por isso ‘O Encoberto’ tem uma organização formal complexa” (Moisés, 2000, p.51). *Mensagem* assenta sobre um fio cronológico e uma seqüência histórica que justificam a distribuição irregular, quando a data de criação, sugerindo uma interpretação da história de Portugal. Nos doze poemas que compõem a terceira fase de *Mensagem*, as temáticas se repetem com bastante intensidade, como se a angústia tomasse conta dos pensamentos do poeta.

O percurso histórico de um povo – de qualquer povo, não só dos portugueses – mostra a luta humana para atingir o ideal da perfeição. “Para Fernando Pessoa, a História de um povo é tanto mais heróica e mais digna quanto maior for o empenho dos seus indivíduos na realização desse objetivo, mesmo sabendo que se trata de uma tarefa impossível” (Moisés, 2000, p.67). Os vultos históricos de *Mensagem* encaram possibilidades latentes, que, por meio de analogias e correspondências, culminam na composição da grande figura do poema que é D. Sebastião. Cada poema compõe uma parte desta figura, até ser representado por completo ao fim e o chama: “É a hora!” (Pessoa, p.64). A figura do rei representa, na obra, o fim de uma era de grandeza com seu desaparecimento e princípio fecundante do sonho do futuro enquanto potencialidade mítica.

Neste ponto encontram-se *Antônio Conselheiro* e *Mensagem* que, no primeiro caso, representa o fim da Monarquia, início da República e da construção de uma comunidade com princípios próprios, porém baseados no regime monárquico; e, na segunda obra, o fim de uma era de bonança e o início da crença no poder do rei português que viria salvar aquele país do declínio econômico. Estas crenças aqui avaliadas são fundadas na criação mitológica de seus líderes políticos naquele momento histórico ao qual se referem. Acreditando na capacidade daquele indivíduo em salvar aquela gente do sofrimento que estava inserido.

Apesar de referir-se à História de determinado país, a produção artística revela-se literariamente. O artista escreve o que sente, pois é impossível reproduzir o que não se sentiu. Inclusive o ator, ao encenar qualquer peça, sendo este ou aquele personagem, precisa sentir-se inserido no mundo ali representado. Simões (1938, p.294) observa que o que nos faz sentir a beleza transcrita na arte “não é sua identificação com o real, mas sua identificação com a nossa própria capacidade de sentir” a harmonia naquilo que vê ou lê. A arte expressa o íntimo de cada artista, mesmo que esteja reportando-se ou embasando-se num fato histórico. “Se o que a um artista importa é exprimir o que há de único no mundo; se o *único* não é o

comum: – a realidade importa-lhe não pelo que é para todos senão para o que é para ele. Daí a sua fuga do real *comum*, daí a sua fuga do real objetivo” (Simões 1938, p.302).

O escritor, ou outro artista, não se interessa por certa realidade que ele não representará. Para os autores aqui estudados, a realidade de sua pátria merecia aquele destaque naquele momento.

As duas obras, *Mensagem* e *Antônio Conselheiro*, representam esta idéia de profecia bem próximo do real. No caso da primeira, o profeta não era o próprio mito – D. Sebastião – e sim Bandarra, Padre Vieira e o próprio Fernando Pessoa.

Na segunda secção, o primeiro poema leva o nome de Bandarra, um sapateiro que preexistiu ao rei lusitano e anunciou a vinda de um salvador. O pesquisador e historiador, José van den Besselaar, em seu artigo intitulado “o Sebastianismo em Portugal” (www.uni.pt/cursos/licenciaturas/programas/341.pdf, 13-04-2005) afirma que “a interpretação sebastianista do Encoberto cederá a uma interpretação nitidamente joanista – referente a D. João. Antônio Vieira foi o grande porta-voz desta corrente. Porta-voz, e dos mais pertinazes, mas não inventor”. (p.05).

Bandarra

Sonhava anônimo e disperso,
O Império por deus mesmo visto,
Confuso como o Universo
E plebeu como Jesus Cristo

Não foi nem santo nem herói,
Mas Deus sagrou com Seu sinal
Este, cujo coração foi
Não português, mas Portugal
(Pessoa, 2001, p.56)

Neste poema Pessoa homenageia o Bandarra, enfatizando que ele era um homem pobre, que não foi santo ou herói, mas era patriota e exaltava a vinda de um ser capaz de recuperar o antigo patamar político português. Nos versos “Confuso como o Universo/ E plebeu como Jesus Cristo”, o poeta acentua a natureza das profecias e do profeta: as profecias são de “complexa leitura e passíveis de múltiplas interpretações, e o profeta foi um homem do povo, de condição humilde como a de Jesus Cristo” (Camocardi, 1996, p.86).

Deste modo, percebemos a importância do Pe Antônio Vieira diante o misticismo sebastico, a quem Pessoa também “dedica” um poema.

Ao compor o poema “Antônio Vieira”, Pessoa elevou-o ao grau de “Imperador da Língua portuguesa”, reconhecendo que com suas pregações conceptistas alimentava, naqueles que ouviram as missas, o sebastianismo. Comparando-o a Bandarra, este era um profeta popular e suas pregações tinham caráter político, enquanto Vieira foi um membro do clero e suas profecias encerram caráter religioso. Por possuir a missão de colocar o homem em contato com Deus, a estrutura semântica em torno da qual se estrutura o poema é organizada por vocábulos como: céu, estrela, constelação, luar e outras – que aparecem mais de uma vez, como podemos ver.

Antônio Vieira

O céu estala o azul e tem grandeza.
Este que teve a fama e a glória tem,
Imperador da língua portuguesa,
Foi-nos um céu também.

No imenso espaço seu de meditar,
Constelado de forma e de visão,
Surge, prenúncio claro de luar
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do etéreo.
É um dia; e, no céu amplo de desejo,
A madrugada irreal do Quinto Império
Doira as margens do Tejo.

Na segunda estrofe, Pessoa exalta Vieira: o profeta místico e sebastianista, mentor espiritual da crença do Quinto Império que não viu realizado, um Quinto Império messiânico e estético.

O terceiro poema não tem um nome próprio de alguém como título, como os dois poemas anteriores, mas que na lógica interna corresponde ao último da série dos profetas nacionais. Pessoa não lhe atribuiu o próprio nome, confiando que o futuro lhe conferisse o lugar, como já o fez. O poema é construído por afirmações e interrogações rodeado de dor e esperança. O poeta fala em seu próprio nome, na primeira pessoa do singular, e constrói um poema cheio de ressonâncias bíblicas – “Só tu, Senhor, me dás viver”. Camocardi (1986, p.89) salienta a ambivalência semântica da forma “Senhor”, podendo significar Deus, Cristo, D. Sebastião, forma transpessoal. A partir da segunda estância, a forma vai assumindo sucessivamente os títulos de *Rei, Hora, Cristo, Encoberto, Sonho, Senhor*. Aqui já ultrapassa a consciência lírica: a voz coletiva de um povo e de toda uma aspiração secular vai ganhando corpo neste profeta simbolicamente ausente.

Uma excelente visão do valor de Vieira e Pessoa nestes poemas é a que encontramos em Camocardi (1986, p.90):

O profetismo de Vieira e Pessoa é, pois, resultado amadurecimento de um messianismo cujas raízes mais profundas mergulham numa confluência de várias correntes ideológicas antigas que se revela como expressão universal de esperança em oposição a um movimento nacional de crise.

Se adaptarmos as palavras de Camocardi à obra de Antônio Conselheiro, o profetismo de Conselheiro é, pois, resultado do amadurecimento de um messianismo, cujas raízes mais profundas mergulham em uma confluência de várias correntes ideológicas, encontrando nelas uma voz profética-cristã que se revela como expressão daquele universo de Canudos, em oposição a um movimento nacional, que não o aceitava.

Um ponto de divergência que encontramos entre as obras é justamente o uso de nomes de pessoas para identificar, caracterizar ou homenagear, nas poesias do poeta luso; e na obra brasileira, muitos personagens são identificados apenas por função social: o homem; uma mulher; coronel; soldado; juízes A, B e C; carregador; primeira voz; segunda voz; ajudante de ordem; oficiais; prefeito; fazendeiro; repórter; engenheiro; vigário; jornalista; alto-falantes; enfermeiras, de modo a generalizar as ações a todos aqueles que exercem a mesma função, sem especificar determinado indivíduo.

Logo quando Cardozo inicia sua obra, apenas Conselheiro tem nome, todos os outros são tratados por função social:

Um homem

Está preso? Ou é algum doido?

Um dos soldados

É o Antônio Conselheiro [...]

Uma mulher

Virgem Maria! E com este ar de santo!
Este olhar de frade e de profeta;

[...]

(Cardozo, 2001, p.55)

E assim segue boa parte do texto de Cardozo, com seus personagens sem nome, bem diferente de Pessoa. O que se consegue perceber em “Antônio Conselheiro” é o tratamento nivelador dado pelo autor aos personagens que convivem diretamente com líder de Canudos. Na história, o exército e os coronéis destratam os jagunços e não os tratam pelo nome, e sim pela condição social que representam. Esta é uma

forma de expressar a desvalorização e desumanização com a qual são tratados pelos mais abastados. Do mesmo modo, o povo de Canudos trata as autoridades pelo cargo que ocupam ou por apelidos.

Quando, na obra, o personagem José Felix, um dos poucos tratados pelo nome, vem avisar da nova investida do exército para derrotar Canudos, Pajeú diz:

Os ‘macacos’ vão novamente investir”
[...]
A ‘macacada’ está pronta
Para o novo assalto.
(Cardozo, 2001, p.80)

E refere-se às armas como:

Matadeiras, esses monstros de Garganta de fogo.
(Cardozo, 2001, p.80)

Para sustentar a força de lutar contra os “macacos” e as “matadeiras”, a vitamina do povo é a crença no poder de Antônio Conselheiro e isto ocorre tanto na vida real, quanto no texto aqui estudado. Os jagunços acreditam, graças às pregações do líder sertanejo, que serão salvo, afinal estão sendo liderados por um enviado de Deus capaz de atitudes sobre-humanas que prevêem o fim de Canudos...

Sei bem que Canudos será destruída;
Disso recebi aviso do Céu,
Destruída pelos filhos da ambição, da maldade;
Da injustiça. Sei bem... (Cardozo, 2001, p. 68)

Antes de chegarmos ao reino do céu!
Este país será invadido por uma legião de ratos
Depois os ratos começarão a correr
E é a peste... Um dia este país
Será assolado por uma grande peste. (Cardozo, 2001, p.86)

... Atitudes que o povo reconhece como milagre...

Ontem eu vi ele apareceu de repente
Sobre aquela tábua,
E caminhou sobre ela como se andasse
Solto no ar. Caminhou olhando
Para longe, para onde os “macacos”
Insistiram com mais violência,
Usando as suas armas de destruição;
Caminhou solto sobre a tábua,
Com as mão erguidas e estendidas
Como para aplacar uma tempestade;
E desapareceu por detrás daquela pedra (Cardozo, 2001, p.75)

... resulta na confiança às palavras do Conselheiro...

Como a nossa igreja nova,
Com os milagres de Antônio Conselheiro,
O sol e a chuva ficarão unidos
Para fecundar as nossas terras:
Tudo que é seco ficará verde,
Tudo que é verde ficará maduro (Cardozo, 2001, p.74)

Construída a Igreja Nova
Firmes ficaremos nesta terra de nossa escolha
E o nosso Conselheiro nos conduzirá
Entre os tropeços deste mundo. (Cardozo, 2001, p.78)

...Inclusive há quem creia, que mesmo depois do ataque...

Conselheiro sempre ressuscita
Os seu mortos (Cardozo, 2001, p.97)

Deste modo, podemos perceber o quanto as palavras de Conselheiro fizeram efeito e penetraram nas idéias daquela gente. O Conselheiro estava sempre presente na luta com seus seguidores, diferente de D. Sebastião que gerou incertezas de sua volta, que ainda está influenciando, séculos depois, *Mensagem*. Versos que expressam a não aceitação da morte do rei, que questionam sua volta, que se desesperam de incertezas, são resultados da insegurança que aquele momento histórico, representou para os lusitanos, está contido em diversas passagens da obra:

Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião? (Pessoa, 2001, p.52)

Só se sentir e te pensar
Meus dias vácuos enche e doura
Mas quando quiserás voltar?
Quando é o Rei? Quando é a hora?

Quando virás a ser o Cristo
[...]?

Quando virás, ó Encoberto
[...]? (Pessoa, 2001, p.58)

A construção desses versos está apoiada no resgate da memória que se perdeu, na esperança do retorno messiânico, na paixão pelo ideal de fraternidade. A mensagem transmitida pela obra não é apenas a exaltação de glórias passadas, mas a partir das conquistas, o Poeta busca despertar a nação para uma supra-realidade, que reside na Vontade e na Esperança.

A nostalgia platônica que envolve *Mensagem* conduz o poeta para o refazer de um percurso em direção ao passado, cabendo-lhe não apenas constatar como poeta-profeta, a perda da alma nacional, mas apelar para a sua redenção. A sua voz traduziu a expressão coletiva de seu país, baseada na crença nacional e milenarista: a do Encoberto.

“Antônio Conselheiro” também se apresenta como a recriação do passado. Cardozo revive a dor daquela gente de Canudos ao escrever esta obra, de consciência missional tão insistentemente revelada em seus versos. Através do teatro os valores fundamentais de uma comunidade são postos em jogo, religando os membros da sociedade, retratando diversos patamares sociais como o jagunço, os militares, os coronéis e representantes da igreja católica. A matéria e produto da arte são o ser humano, sendo suas transformações resultado das transformações do homem e da sociedade.

As duas obras estudadas têm menos de meio século de escritas entre elas, porém representam fatos histórico cronologicamente distantes entre si. Contudo, percebemos as profundas marcas sociais entre os personagens em ambas as obras: diferentes classes sociais (sapateiro e Padre/ jagunço e coronéis), domínio da natureza sobre suas forças (o mas e o nevoeiro/ a terra seca e a falta de chuva).

Conforme Leite (2003, p.51), Joaquim Cardozo baseou-se em Euclides da Cunha para ampliar e aprofundar a problemática histórica, política, social e religiosa de Canudos, e cria uma “territorialidade dramática de reverberações universais poucas vezes alcançadas no texto teatral brasileiro”. Cardozo consegue revelar a carnificina, a infância, às orações, o abuso de poder e de autoridade e a supremacia sobre o povo de Belo Monte, como foi também conhecido Canudos.

O poder em *Mensagem* não surge desta forma, é perceptível a união de todas as camadas sociais na angústia de esperar a volta de D. Sebastião. Ambos os textos exploram o poder do império. Em *Mensagem*, a idéia é fazer da nação lusa o quinto império do mundo e em *Antônio Conselheiro* é a tentativa de manter o império que agora é república.

O relato histórico de *Mensagem* é a viagem de regresso de D. Sebastião para a realização do presente (futuro) de Portugal – o Quinto Império. D. Sebastião representa a simbologia, do herói coletivo daquele país. Os heróis da obra são construídos de forma a agirem por impulso e pela loucura, guiados por

força superior: são instrumento de predestinação divina, como em *Antônio Conselheiro*, gente que luta e reluta pelos seus sonhos sem medir conseqüências.

Cardozo sacode toda a História oficial, critica a visão de Euclides da Cunha, inclusive colocando-o como um de seus mascarados no final do segundo ato. *Antônio Conselheiro* apresenta no final do segundo ato o fim capitalista de todas as coisas: a condição de mercadoria. E é nesse explícito e consciente protesto que o autor centraliza no final de sua obra, dando uma versão trágica, épica e lírica àquele extermínio que afetou a história do Brasil. No contexto Histórico, Canudos foi exterminado, e é assim que Cardozo conclui sua construção: a extinção o mundo. A conclusão de *Mensagem* não indica para o fim como *Antônio Conselheiro*, e sim o início de um novo tempo: “É a hora!” (Pessoa, 2001, p.64) de recomeçar, de o rei esta de volta, de erguer o Quinto Império, num grande embate ente a idealidade e concretude, entre a Pátria sonhada e a pátria real.

Ao escrever *Mensagem*, o autor valeu-se da capacidade de ler a história e recriá-la artisticamente. A crítica literária, Sônia Prieto (1995, p.196), observa que a simbologia de *Mensagem* “não se resume apenas a uma forma de representação da realidade, constituindo-se, antes, um modo de ser, num modo de o poeta encontrar um sentido para a existência”. Reafirmando a imperiosa necessidade de sonhar da alma humana, o poema estimula a esperança num vir-a-ser império colossal, novamente.

A ideologia do vir-a-ser, do desejo, da espera, soergue a capacidade de alimentar o mito. Em *Antônio Conselheiro* o mito é alimentado a cada atitude de Conselheiro considerada milagre por um grupo que luta contra aqueles infelizes abominadores de gente simples. O desejo de plantar e colher os frutos de suas luta está vivo nos baianos de Belo Monte, o desejo de reerguer o império lusitano está na alma daqueles fiéis no poder de D. Sebastião.

A arquitetura de *Mensagem* e de *Antônio Conselheiro* funde arte e História, enriquecendo a literatura de seus respectivos países, fruto do trabalho tecido, no caso de *Mensagem*, durante anos, e no caso da obra de Cardozo, um texto fecundo da cultura esculpida sobre gente nordestina.

Diferentemente de *Antônio Conselheiro*, a criação portuguesa não estanca no fato histórico mítico-sebastianista, enquadrando desde o período da criação daquela cultura, até as primeiras décadas do século passado, fase na qual o poema foi escrito, representando um Portugal que se debate entre a angústia da decadência e a esperança messiânica da redenção. A outra obra nasce e morre com Canudos, efervescente como a vida e a criação teatral. O teatro une a poesia a outras artes, valorizando a arte que representa, ou seja, o teatro é a soma de todas as artes – abstratas por natureza – a fim de dar vazão à semelhança com a história a qual representa, tornando-se a arte que, talvez, mais se aproxima da História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o decorrer da pesquisa, pude comprovar na obra *Antônio Conselheiro* a presença da temática messiânica, principalmente no primeiro ato. Assim pude compará-la de modo convergente com *Mensagem* e, logo, traçar um paralelo entre D. Sebastião e Antônio Conselheiro como mitos para os portugueses e para os sertanejos do nordeste brasileiro.

Conseguimos descobrir o valor da arte e o seu poder de retratar a história, lendo autores referenciais, como Antônio Cândido, Mircea Eliade, Eleusis Camocardi, Emil Staiger, e tantos outros citados ou não, presentes na minha leitura, abrindo cada vez mais meus olhos, minha alma e meu coração para a arte.

Estudar Cardozo e Pessoa é de um prazer incontível, seus textos têm o poder de dominar e misturar razão e sentimentos, arte, realidade e literariedade num grande processador de idéias e emoções.

Joaquim Cardozo expressa que é necessário salvar no homem o que é humano, esta vida que nos é como elo de uma trama infinita cuja vocação é viver, exigindo o mínimo de dignidade com *Mensagem*, o poeta propõe reviver em si o mito de D. Sebastião, ser todos os heróis e mitos revividos.

A História importa apenas enquanto matéria mítica, por que ao mergulhar na história, o poeta mergulha em si; ao defrontar-se com suas contradições, busca sua própria natureza desconhecida.

Na arte dialogam o individual e o coletivo, mesclam-se o mito e a História, colocados a serviço poético e, na poesia, autor e obra se confundem e se fundem.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- _____. **O Grau Zero da Escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CAMOCARDI, Eleusis. **Fernando Pessoa. Mensagem: História, mito, metáfora**. Vol21. São Paulo, Arte e Ciência, 1996.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 8ª Ed. São Paulo: T.A. Queiroz: 2000.
- CARDOZO, Joaquim. **O capataz de Salema; Antônio Conselheiro: teatro**. 2a. ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2001.
- COUTINHO E CARVALHAL: **compêndio de Literatura Comparada**. Rocco, Rio de Janeiro, 1994.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**, 4ª Ed. São Paulo, Perspectiva, 1994.
- HOUAISS, Antônio. **Drummond mais seis poetas e um problema**. Rio de Janeiro, Imago, 1970.
- JACOBY, Sissa. **Mensagem: Ficções Míticas e Históricas do Eu-Lírico em Fernando Pessoa**. Porto Alegre, Letras de hoje, V.32, nº2, Junho 1997.
- LEITE, J.D. Araújo. **Um Teatro da Morte**. Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2003.
- MOISÉS, Carlos Felipe, **Roteiro de Literatura: Mensagem de Fernando Pessoa**. São Paulo, Ática, 2000.
- PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo, Martin Claret, 2001.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**, 2ª Ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1976.
- REÑONES, Albor Vives. **O Imaginário Grupal – mitos, violência e saber no Teatro de Criação**. São Paulo: Agora, 2004.
- RODRIGUE, Joelza Ester, **História em Documento**, 2ª ed. São Paulo, FTD, 2002.
- SAMUEL, Rogel (org.) **Manual de Teoria Literária**, 4ª Ed. – Rio de Janeiro, Vozes, 1988.
- SIMÕES, João Gaspar. **Novos temas: ensaios de literatura e estética**. Lisboa: Inquérito, 1938.
- STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**, 3ª Ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1997.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Mensagem: ficção, mítica e história**, vol.32, nº2, Porto Alegre, Letra de Hoje, Junho 1997.
- Revista da Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, Diretor: José Rodrigues Paiva Nº5 – UFPE – DP Letras, Recife, 1995.
- Cadernos de Literatura Brasileira – Euclides da Cunha – Instituto Moreira Salles – Dez/2002 (<http://www.ims.com.br>)
- Revista Continente Multicultural – ano II – 23. Novembro / 2002.

Sites consultados:

(www.uni.pt/cursos/licenciaturas/programas/341.pdf, 13-04-2005)